



Paulo Valente

# LEALDADE A SI PRÓPRIO



Reco

PAULO VALENTE é economista formado pela UFRJ, com mestrado pela Coppe, da mesma universidade. Sócio-fundador da firma de consultoria ProFit, é autor de seis livros sobre economia, entre os quais figuram: *Guia para a compra e venda de empresas*, *Governança corporativa* e *Financiamentos de longo prazo*. É também autor de livros infantis, tendo lançado pela Rocco Jovens Leitores: *O leão de tanto urrar desanimou* e *Pedro e a Onça*. *Lealdade a si próprio* é sua primeira obra de ficção destinada ao público adulto.

#### LEALDADE A SI PRÓPRIO

Paulo Valente

Nº de páginas: 192

Formato: 14x 19 cm

## Prefácio

A INVASÃO DA POLÔNIA PELO EXÉRCITO ALEMÃO EM 1º DE SETEMBRO DE 1939, A DESPEITO DE DIVERSAS AÇÕES PRECEDENTES, ESPECIALMENTE A ANEXAÇÃO da Áustria (*Anschluss*), consentida e aplaudida pelos austríacos, em 1938, é oficialmente considerada o início da Segunda Guerra Mundial. Todas essas ações políticas e militares decorriam da busca pelo “espaço vital” (*Lebensraum*) visando assegurar o crescimento germânico em termos populacionais e econômicos, por meio do acesso a recursos naturais mais importantes que os existentes em solo alemão. Segundo os idealizadores do projeto de domínio alemão sobre a Europa, a construção do império somente poderia ser assegurada através de uma guerra.

A Segunda Guerra correspondeu a um dos últimos movimentos de força para a formação de impérios que caracterizou a Europa desde o século XVII. A Inglaterra e a França desejavam manter seus impérios mundiais, enquanto a Alemanha, a Itália e o Japão sonhavam em implantar seus próprios impérios.

Em 3 de setembro, dois dias após a invasão da Polônia, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, tendo o Brasil se mantido neutro na ocasião. Somente dois anos e meio mais tarde, um mês após os japoneses atacarem Pearl Harbor, em janeiro de 1942, é que o Brasil romperia relações com o Eixo, e em agosto do mesmo ano, após o afundamento de

20 cargueiros brasileiros, resultando em 743 mortes, entraria finalmente na guerra.

O despreparo das Forças Armadas brasileiras fez com que soldados desembarcassem no teatro de operações da Itália somente em 16 de julho de 1943, quase quatro anos após o início da guerra e faltando apenas 22 meses para seu término na Frente Ocidental em 7 de maio de 1945.

Por que a participação brasileira no conflito tardou tanto e foi relativamente tão pequena? Em primeiro lugar, o fato de o Brasil ser situado na América do Sul fazia com que o país não fosse diretamente ameaçado. Em segundo lugar, a ditadura Vargas hesitava entre apoiar os Aliados ou o Eixo, na expectativa de se beneficiar com uma aliança com o possível vencedor, enquanto auferia vantagens de sua posição indefinida com ambos os lados até quando fosse possível.

É indispensável registrar que até o momento do desembarque dos Aliados na Normandia em 6 de junho de 1944 e a confirmação de sua entrada firme na Europa não se podia definir efetivamente qual dos lados sairia vitorioso.

O Brasil, embora distante, estava nos planos de Hitler, já que, nas palavras do *Führer*, “no Brasil se acham reunidas todas as condições para uma revolução que permitiria transformar um Estado governado e habitado por mestiços numa possessão germânica”.

O fenômeno da enorme imigração estrangeira ao Brasil, a partir de meados do século XIX, em particular de alemães,

italianos e japoneses, os países componentes do Eixo, tornava esta possibilidade mais real e motivo de grandes dramas pessoais, familiares, assim como proporcionava oportunidades de espionagem, que ficaram um tanto abafadas pela grandiosidade da guerra e a participação relativa dos brasileiros.

Além de ter entrado na guerra somente depois de transcorridos mais de dois terços de sua duração, a participação dos 25 mil pracinhas brasileiros e as quase 450 baixas militares, somadas às vítimas dos afundamentos de navios, constituíram perdas modestas e um contingente reduzido frente ao total das tropas Aliadas. Isto porque se estima que combateram pelos Aliados cerca de 50 milhões de militares (20 milhões de russos, 16 milhões de americanos dos Estados Unidos, 5 milhões da França, 4,7 milhões da Inglaterra e 3,7 milhões da Iugoslávia, mencionando apenas os que se contam aos milhões), ao passo que pelo Eixo lutaram 23 milhões de soldados, dos quais 10,8 milhões de alemães, 7,4 milhões de japoneses e 4,5 milhões de italianos.

As baixas entre os Aliados e o Eixo, contando militares e civis, são estimadas em mais de 50 milhões, pelo menos, sendo deste total apenas cerca de 450 brasileiros. É claro que estes números absurdos não diminuem a significação de uma vida individual, ainda que sua importância se torne relativa frente aos assombrosos totais.

A derrota final dos sonhos imperialistas das potências do Eixo, com o final da guerra, trouxe nova configuração geopo-

lítica ao mundo, conduzindo à estabilização temporária da ordem global. A Inglaterra e a França abandonaram seus respectivos impérios; o comunismo assumiu o controle de grande parte da Ásia e da Europa Oriental, enquanto os Estados Unidos usaram o poder consolidado no conflito para manter e ampliar seus interesses no mundo não comunista.

Tendo sido a Segunda Guerra marcada como uma ação predominante de informações e do uso militar da aviação, dos submarinos e dos tanques, como grandes inovações na tecnologia da morte, o sistema de inteligência no Brasil produziu fatos notáveis, objetivo da seguinte narrativa do eminente professor George Smiles, que vem a lume no septuagésimo aniversário do heroico desembarque na Normandia em 1944, início do fim da guerra, que ainda duraria amargos e sangrentos 11 meses.

Vamos direto aos relatos, que falam por si.

– DR. PIERO DELLA FRANCESCA

Professore Dottore

Università degli Studi di Torino

Via Verdi, 8 – 10124 Torino, Italia


DOMINGO, 7 DE DEZEMBRO DE 1941, COMEÇARA SERENO EM HONOLULU, HAVAÍ, À ÉPOCA AINDA TERRITÓRIO AMERICANO, NÃO TENDO SIDO INCLUÍDO como estado da federação americana até a década seguinte. Distante praticamente 4 mil quilômetros da costa leste, a previsão era de um dia tranquilo.

Durante os anos precedentes as relações do Japão com os EUA tinham chegado a um estado quase beligerante, pois a U.S. Pacific Fleet já estava instalada em Honolulu preventivamente para resguardar operações militares japonesas no sul da Ásia contra territórios ingleses, holandeses ou mesmo contra as Filipinas.

No início de 1941, o presidente Roosevelt transferiu de San Diego, na Califórnia, para o Havaí sua frota do Pacífico e ordenou um reforço militar americano nas Filipinas, visando desencorajar uma eventual agressão japonesa. Assim, um ataque surpresa contra as forças americanas seria a única forma de prevenir a interferência naval americana nos territórios estratégicos para o Japão.



Em julho de 1941, os EUA interromperam os fornecimentos de petróleo ao Japão em retaliação à invasão da Indochina Francesa pelos japoneses. Esta interrupção incentivou o Japão a tomar o território das Índias Orientais Holandesas, já que tinham reservas abundantes de petróleo.

Às 7:48h da manhã o ataque surpresa à base naval de Pearl Harbor teve início com grande violência: 353 caças, bombar-



deiros e torpedeiros japoneses decolaram de seis porta-aviões. Todos os oito navios de guerra americanos foram avariados, sendo quatro afundados, além de cruzadores, destróieres e navios colocadores de minas. Na US Air Force, 188 aviões foram destruídos em terra. No lado humano, 2.042 americanos morreram e 1.282 ficaram feridos. Comparativamente, as perdas japonesas foram muito inferiores, 29 aviões e cinco submarinos e 65 marinheiros e aviadores mortos ou feridos. Somente um japonês foi capturado, o oficial Kazuo Sakamaki, com 23 anos recém-completados, formado na Imperial Academia Naval Japonesa no ano anterior. Sakamaki se tornou assim o primeiro prisioneiro de guerra americano.

\* \* \*




No século XIX a economia do Brasil era agrícola e extremamente dependente da monocultura cafeeira. A cultura do café, por sua vez, dependia totalmente da mão de obra de escravos negros. Em 1888, atendendo a pressões políticas e movimentos humanitários, o governo brasileiro aboliu a escravidão no país, e os senhores do café tiveram que buscar soluções para a crescente falta de mão de obra. Antes mesmo da abolição da escravatura, o governo brasileiro tentou suprir a falta de trabalhadores com imigrantes europeus, mas as péssimas condições de trabalho e de vida dadas pelos patrões cafeicultores, acostumados a tratar de forma sub-humana a mão de obra, além de desmotivar a vinda de imigrantes, fizeram com que alguns pa-



íses, como a França e a Itália, impedissem durante alguns anos que seus cidadãos emigrassem para o Brasil. Assim, o governo brasileiro passou a cogitar trazer imigrantes da Ásia.


Não bastava, entretanto, trocar um tipo de imigrante por outro. No século XIX os brancos cristãos nutriam forte preconceito contra todo o resto da humanidade, e no Brasil os asiáticos eram tidos como “negros amarelos”. Em suma, imigrantes japoneses não eram desejados no Brasil. Porém é fato universal que, quando há a necessidade de trabalhadores, governos e contratantes tornam-se coniventes e pouco exigentes. Assim, embora desde 1880 já se cogitasse no Brasil da vinda de imigrantes japoneses, nenhuma ação concreta foi realizada neste sentido até novembro de 1895, quando Brasil e Japão assinaram um tratado pelo qual ambos os países passaram a desenvolver relações diplomáticas, e, mesmo contrariando a opinião pública brasileira, abriram-se negociações para a vinda de imigrantes japoneses, que só ocorreria de fato a partir de 1908.

Na segunda década do século XX houve a concentração de colonos japoneses no município de Registro, no estado de São Paulo, distante cerca de 200 quilômetros da capital e do porto de desembarque de Santos, a meio caminho de Curitiba, no Paraná. A Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK), filial da Companhia Imperial Japonesa de Imigração, foi responsável pelo estabelecimento de mais de 450 famílias na colônia de Registro. Em 1917, o número de famílias japonesas já chegava a 1.060, totalizando 5.121 pessoas na colônia.




Neste período, Registro tornou-se o maior produtor de arroz de São Paulo e possuía instalações de armazenamento e beneficiamento do cereal, produzido por cultura irrigada. Além do arroz, os imigrantes japoneses também se dedicavam ao cultivo do chá e do junco. Em 1919, o imigrante Torazo Sakamaki chegou a Registro com sua família, inclusive um bebê de apenas um ano de idade, Izayoi. Três anos depois, obteve sementes de chá chinês e começou uma plantação, visando o consumidor local japonês de chá-verde.

\* \* \*




Naquele domingo, 7 de dezembro de 1941, às 15:48h, que correspondia às 7:48h no Havaí, Izayoi Sakamaki já estava se arrumando para voltar para sua casa. A semana havia sido árdua, mas resultara muito produtiva: as vendas de chá da família iam bem, já que, mesmo no Brasil do café, o chá era bastante consumido pela crescente colônia japonesa.



Seu pai, Torazo, já com 44 anos de idade, não tinha assimilado a terra brasileira e ainda mantinha os costumes de seu país, inclusive religiosos, e a condição de súdito do imperador Hirohito.


Por determinação do governo brasileiro, o ensino do português era obrigatório nas colônias de imigrantes, de maneira que Izayoi foi alfabetizado em duas línguas, muito embora se sentisse inteiramente japonês, como se Registro fosse uma extensão temporária do Império do Sol Nascente.




A colônia japonesa tomava conhecimento das vitórias do Japão na Ásia através das emissões em ondas curtas da Rádio Japão, quando os colonos se reuniam para o chá na sede da fazenda. A vitória em Pearl Harbor foi anunciada dias depois do ocorrido, para grande regozijo dos imigrantes.

Exemplares do *Asahi Shimbun*, todavia, chegavam em Santos com quase dois meses de atraso. Na edição de 9 de dezembro de 1941, constava a notícia detalhada da prisão de seu primo Kazuo Sakamaki. Torazo chamou Izayoi para uma conversa, era preciso alguma ação para vingar a honra do imperador.


\* \* \*



A Cooperativa de Comércio Japonesa foi fundada em 1926, em São Paulo. Com a crise cafeeira internacional, na década de 20, iniciam-se as exportações brasileiras de algodão para o Japão, que atingem o pleno desenvolvimento com a vinda ao Brasil em 1935 da missão japonesa. Nesse ano, graças ao algodão, o comércio com o Japão atinge um superávit. A partir de 1938, empresas japonesas de grande porte começam a instalar aqui suas filiais, aumentando significativamente o volume das transações comerciais. Finalmente em 29 de maio de 1940 é fundada a Associação Comercial Japonesa.




O Banco de Osaka iniciou-se no Rio de Janeiro, em 1919, com a instalação da filial do antigo The Yokohama Specie Bank, considerando o grande comércio entre o Brasil e o Oriente. Nos



anos seguintes, abriu sucursal em São Paulo, onde havia a facilidade de contratação de funcionários bilíngues, em função da grande colônia nipônica ali existente.

Torazo e Izayoi Sakamaki, com mentalidade camponesa, acreditavam ingenuamente que era dever deles salvar Kazuo da prisão nos Estados Unidos, em primeiro lugar pelo fato de ser ele um súdito do imperador, tal como eles; em segundo lugar, por ser da família. O fanatismo era comum na colonização japonesa, de modo que na década de 1940 surgiu a organização terrorista Shindo Renmei, composta por imigrantes japoneses no Brasil, que atacavam quem duvidasse das vitórias japonesas na guerra. Assim, a limitação de possibilidades de reação de dois simples agricultores no interior do estado de São Paulo não importava diante da missão, era uma obrigação tentar.



No dia 5 de janeiro de 1942, Izayoi colocou sua melhor roupa e pegou o trem para São Paulo, hospedando-se no bairro da Liberdade junto com o antigo colega de Registro. Ia candidatar-se a uma vaga no Banco de Osaka.

\* \* \*

O violento ataque a Pearl Harbor gerou grande repercussão no mundo todo. No continente americano, o governo de Washington convocou em caráter de urgência uma reunião de consulta dos ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, que terminou por se realizar no Rio de Janeiro, entre 15

e 28 de janeiro de 1942. O principal objetivo da reunião era a aprovação unânime de uma resolução de rompimento imediato de relações diplomáticas e comerciais dos países americanos com o Eixo. Ao final, por força da recusa argentina e chilena em firmar tal posição, foi aprovada uma resolução que se limitava a recomendar o rompimento de relações.

A edição de *O Globo* da quinta-feira, 29 de janeiro de 1942, reproduziu o discurso de encerramento do chanceler Orlando Abreu:

*As conquistas desta conferência não as poderão apreciar os contemporâneos. As grandes obras só podem ser bem compreendidas quando o tempo dá à inteligência a sua perspectiva divina e sua eterna luz. Desde já, porém, podemos afirmar que transformamos uma utopia em realidade, e que já esplendem, realizados em sua plenitude, o anseio, o sonho e o ideal de nossos maiores.*

[...]

*Os povos americanos a realizaram e nós, seus chanceleres, a confirmamos hoje, porque proscrevemos da comunhão continental a violência, o império, o predomínio, a fim de dar lugar à confiança, à solidariedade e à justiça, colunas sobre as quais repousam a igualdade das nações americanas, a independência de seus povos e a liberdade de todos nós, cidadãos da América.*

\* \* \*

Izayoi Sakamaki passou por um treinamento básico no banco, tendo sido lotado em seguida, a seu pedido, na seção de comunicações, que controlava os telegramas entre o Brasil e o Japão.


Izayoi estava particularmente atento às informações referentes aos embarques de café rumo aos Estados Unidos e do carvão para o Brasil, já que considerava ponto de honra uma agressão ao país que encarcerava seu primo Kazuo.

Na primeira semana de fevereiro, Izayoi transmitiu a relação de cartas de crédito internacionais, dando conta de um transporte de carvão pelo navio *Cabedelo*, que zarparia da Filadélfia com destino ao Rio de Janeiro, transportando uma carga de carvão.

Aproveitando sua hora de almoço, sem saber direito o que fazer com esta informação, como tendo recebido uma premonição, dirigiu-se até o estádio de futebol do clube Palestra Itália, que ainda não tinha sido obrigado a trocar seu nome para Palmeiras. Alguma relação com os italianos deveria haver, pensou Izayoi.

\* \* \*


Augusto Marinangeli, comendador e vice-cônsul da Itália e um dos grandes beneméritos da Società Italiana di Beneficenza, tinha uma queda pelo futebol, pois havia participado da Copa do Mundo de 1938 como reserva do time italiano que se sagrou campeão.



Depois de ingressar no serviço diplomático, o Brasil lhe pareceu um ótimo posto em virtude de sua simpatia pelo esporte, e sempre que podia frequentava os treinos do Palestra Itália, onde era muito respeitado e seus palpites faziam dele praticamente um técnico a distância.

Na saída do treino naquela segunda-feira, Marinangeli foi abordado pelo porteiro do clube, que avisou “que tinha um nissei na portaria querendo falar com um italiano”. Marinangeli ouviu Izayoi, pegou o telegrama que o jovem trazia e, chegando ao consulado, transmitiu as informações diretamente para o Ministero degli Affari Esteri, na Piazzale della Farnesina, em Roma.

\* \* \*



No dia 25 de fevereiro o *Cabedelo* simplesmente desapareceu do rádio, sem deixar qualquer vestígio, assim como sua tripulação composta por treze oficiais, três suboficiais e 37 marinheiros, foguistas e taifeiros, totalizando 54 homens. Era comandado pelo capitão-de-longo-curso Pedro Veloso da Silveira.

Embora tendo desaparecido sem deixar rastro, as autoridades o consideraram perdido por ação inimiga, uma vez que o tempo estava bom na região. Pesquisadores europeus afirmaram que o submarino italiano *Da Vinci* foi o causador do afundamento. Tais afirmações não são de aceitação unânime, já que dois fatores contribuem para suscitar dúvidas. Primeiro,

o afundamento do navio não consta dos registros italianos. Em segundo lugar, caso considerada a data, o navio já teria navegado por onze dias e percorrido pelo menos 2 mil milhas, o que o colocava fora da região reservada às ações do *Da Vinci*. Além disso, um memorando interno do Ministério das Relações Exteriores datado de 22 de junho – quatro meses depois do desaparecimento – considerou a hipótese de a tripulação do navio ter sido sequestrada e internada em algum campo de concentração, o que contribuiu ainda mais para alimentar a controvérsia.

Outra hipótese sugere que o navio tenha sido atacado por outro submarino italiano, o *Torelli*, que, em 19 de fevereiro, atacara dois navios mercantes na altura das Guianas. Também é citado o *Capellini* – outro u-boot italiano.

De qualquer forma, nada ficou comprovado de forma categórica que algum daqueles submarinos italianos tenha causado o ataque. Também se cogitou de que os tripulantes poderiam ter sido metralhados quando já se encontravam a bordo dos escaleres. Todavia, como nenhum escaler, nem mesmo vazio, foi encontrado, o mistério permanece até hoje.

Kazuo Sakamaki permanecia preso nos Estados Unidos; não obstante, Izayoi tinha dado sua contribuição para a perda do *Cabedelo*, em honra de seu distante Japão.